

# Meirelles condiciona crescimento à estabilidade

Reagindo ao 'fogo amigo' de integrantes do governo, presidente do BC avisa que continua mirando na meta de inflação

## JUROS

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA A1

Meirelles disse que não está magoado com o chamado *fogo amigo* (críticas de integrantes do próprio governo, como Alencar e o líder no Senado, Aloizio Mercadante). O presidente Luiz Inácio Lula da Silva chegou a pedir ao vice que as críticas fossem moderadas, porém, Alencar não se calou e disse que vai manter suas opiniões enquanto estiver na política.

— Encaro isso com a maior tranquilidade. Acho que, na leitura das declarações, o que existe é algo um pouco diferente. É quase que um chamamento, um apelo no sentido de que se trabalhe para a redução dos juros no longo prazo — afirmou Meirelles, que fez questão de elogiar o demissionário Ilan Goldfajn e desvincular sua saída das pressões políticas para queda dos juros. — O diretor não está fazendo as malas e indo embora em resposta a essas críticas. Ele está cumprindo um cronograma combinado desde dezembro. Não há unanimidade em nenhum setor na política, na economia, do esporte ou religião.

Goldfajn fez coro e afirmou que nunca teve problemas de relacionamento com Alencar.

— Tenho respeito pelo vice-presidente. Comentários sobre juros numa sociedade democrática fazem parte — disse. — Não é prerrogativa do BC nem do Brasil. Hoje, na Alemanha, temos reclamações sobre os juros do BC Europeu na medida em que a Alemanha está em um momento de recessão.

Sobre a possibilidade de redução dos compulsórios recon-

**Meirelles usa Índia, China e Coréia do Sul como exemplos** lhidos pelos bancos sobre os depósitos à vista, que em fevereiro subiram de 45% para 60% (retirando R\$ 8 bilhões do mercado), Henrique Meirelles afirmou que não há uma decisão tomada e que, por prática, o BC não anuncia decisões futuras.

À tarde, no Rio, Meirelles participou do encerramento do 15º Fórum Nacional do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, promovido pelo ex-ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Velloso. Durante seu discurso, não destoou das palestras dos ministros da Fazenda, Antônio Palocci, e do Planejamento, Guido Mantega, que alternaram momentos de bom humor com cautela.

No início do discurso, quando ainda estava nos agradecimentos, Palocci citou distraidamente o presidente do BNDES, Carlos Lessa, como presidente do Banco Central. Quando Meirelles chegou atrasado ao painel de encerramento, momentos depois, Palocci interrompeu o discurso e comentou, em tom jocoso: "Ainda bem que você chegou. Eu já estava quase nomeando o Lessa para ocupar o seu lugar", ironizou Palocci, arrancando risos da platéia.

Durante a palestra, Meirelles justificou a decisão do Comitê de manter os juros como uma forma de não arrefecer o combate à inflação. Segundo ele, o controle do custo de vida é pré-condição para a retomada de um crescimento que seja sustentável, ou seja, que não afete inflação e o ajuste das contas externas do país. O presidente da autoridade monetá-

ria voltou a afirmar que os países que conseguiram crescer de forma contínua, nos últimos anos, o fizeram com a manutenção de taxas baixas de inflação.

Como exemplo, citou a Co-

réia do Sul que, entre 1985 e 2001, registrou crescimento anual do PIB de 7%, na média, enquanto manteve a inflação, no mesmo período, em uma média de 5% ao ano. Também lem-

brou o caso da China e da Índia, que cresceram respectivamente 9,7% ao ano e 5,7% ao ano, no mesmo período em que registraram taxas anuais médias de inflação de 8,2% e 8,4%, res-

pectivamente.

Meirelles lembrou que, nos últimos 12 meses, a inflação brasileira alcançou 16,77%. "A inflação causa uma desorganização que puxa a taxa média de

crescimento para baixo", advertiu, ao anunciar que a manutenção da atual política monetária restritiva projeta uma taxa de inflação de 8,25% nos próximos 12 meses.